



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ÁREA DE ANTROPOLOGIA)
CAIXA POSTAL 8105
01000 — SÃO PAULO, BRASIL

ORLANDO SAMPAIO SILVA

OS YANOAMA: DENOMINAÇÕES DE UM "POVO"
SEM ESPERANÇA

SÃO PAULO

1981

SEPARATA DO VOLUME XXIV.
REVISTA DE ANTROPOLOGIA

Pro Carlos Affonso Oricando
com o abraço de
Orlando Sampaio Silva
S.D. - 20/10/83

OS YANOAMA: DENOMINAÇÕES DE UM "POVO" SEM ESPERANÇA *

Orlando Sampaio Silva
(Universidade Federal do Pará)

INTRODUÇÃO

Do aspecto geo-morfológico, o Território Federal de Roraima apresenta três zonas características e distintas entre si. Todo o norte — limites com a Venezuela e a Guiana —, o extremo nordeste — limite com a Guiana — e extremo noroeste — limite com a Venezuela e o Estado do Amazonas — são áreas montanhosas, onde se encontram as formações do maciço das Guianas e serra de Parimá, elevações recobertas por florestas de montanhas. Nestas áreas é praticada a garimpagem de diamante e de cassiterita.

Regiões de fronteira, aí habitam grupos locais dos índios Taurepán (ou Taulepang), Mayongong, Ingarikó, Way-Way, Makuxí, Wapixána (ou Wapitxána) e Yanoama.

Ao nordeste do Território, com limite sul a meio caminho entre as cidades de Caracará e Boa Vista, está localizada a cobertura vegetal de campos e savanas, denominada localmente de "lavrado". Este é cortado por rios e igarapés que, com freqüência são mascarados por estreitas matas de galeria. No "lavrado" encontra-se a atividade econômica pecuária extensiva praticada no território de Roraima. Os grupos tribais Makuxí, Wapixána (ou Wapitxána) e remanescentes Máku têm suas habitações disseminadas extensivamente, em aldeias, ou isoladas pelos campos e savanas.

Todo o resto das terras de Roraima é recoberto pelo manto florestal de características amazônicas típicas e em seu meio estão os índios Yanoama e os Waimirí-Atroarí. Nos vales dos rios que gizam a floresta de planície é registrado um incipiente extrativismo vegetal. Em decorrência da

(*) — Comunicação apresentada no Simpósio sobre Indigenismo, na XI Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Recife, de 7 a 9 de maio de 1978.

construção das rodovias Manaus-Caracas e Perimetral Norte, teve início e amplia-se a exploração madeireira ao longo das estradas.

Um dos problemas específicos abordados nesta comunicação refere-se à variedade inusitada de denominações empregadas nas referências ao grupo indígena Yanoama e à necessidade, para a abordagem antropológica, desse tema ser abrangentemente compreendido e sistematizada a terminologia de referência identificadora do grupo como um todo e dos diversos agrupamentos que o compõem. Até agora, quem quer que se preocupe com os problemas dos índios existentes no território brasileiro defronta-se com a dúvida e a insegurança quanto à identificação de um grupo tribal referido por tantas denominações, inclusive nos noticiários e reportagens da imprensa, quando se referem à ocorrência de oncocercose e às repercussões da construção da rodovia Perimetral Norte, ou da exploração de minérios entre os Yanoama. Este trabalho intenta contribuir para sistematizar a questão da diversidade de denominações de referência aos Yanoama, com base em informações bibliográficas e nos dados empíricos levantados no campo.

O outro problema específico aqui tratado diz respeito às dificuldades com as quais os Yanoama se defrontam, no Brasil, pondo em risco sua sobrevivência.

OS YANOAMA

Primeiro Problema

O grupo indígena que habita as florestas do noroeste e parte do centro do Território de Roraima, no norte do Estado do Amazonas e no sul da Venezuela, é referido, na literatura antropológica, por funcionários da FUNAI e por elementos índios integrantes do próprio grupo, sob diversas denominações tais como: Yanoama (1), Yanomami (2), Yanomamó (3), Yanomam (4), Yanomame, Yanomamo, Yanomama, além de outras que se referem a agrupamentos específicos, tais como Sanomam e Ninam.

Alguns agrupamentos locais integrantes do mesmo grupo tribal — os Yanoama, como serão designados neste texto —, mas que têm seus grupos locais distribuídos por determinadas áreas, são designados também na literatura antropológica, pelas demais fontes não científicas acima indicadas e em referências internas de grupos Yanoama sobre outros grupos Yanoama, como sendo Wayká, Jauarí, Xirianá, Xirixána.

Em nossa hipótese, as denominações Yanomami, Yanomam, Yanomamó, Yanomame, Yanomama, Yanomamo e Yanoama são expressões que refletem variações linguísticas ocorrentes de área a área ocupadas por

agrupamentos distintos, que falam línguas diversas, embora assemelhadas, e que se filiam à mesma família lingüística.

Migliazza, em trabalho anterior a seu mapa do “*Território de Roraima e Alto Orinoco — População Indígena*” (este de 1970), informa que “As línguas Yanomami do Território são : Ninam, Sanumá, Yanomami e Yainoma. Estes termos são cognatos da palavra Yanomami nas respectivas línguas da família” (1967: 158, *op. cit.*).

Há, portanto, uma família lingüística Yanomami (5), ou Yanomam (Ramos, 1975, *op. cit.*), ou Yanomamö (Diniz, 1969: 2, *op. cit.*), à qual se filiam as seguintes línguas:

- Yanomami ou Yanomam, falada nas regiões do Rio Catrimani e da Serra do Surucucu (além do norte do Estado do Amazonas e áreas vizinhas da Venezuela);
- Sanomam, ou Sanumá, ou Sanumam, ou Sanimá, falada no extremo noroeste do Território de Roraima, na região do alto rio Auarís (e área vizinha da Venezuela);
- Ninam (Xirixána, Xerixána), falada na região do médio rio Mucajaí, e sua variante Xirianá (Ninam), falada na região do alto rio Uraricaá, ao norte do Território (e na área vizinha da Venezuela);
- Yauarí (denominação provisória por ser uma língua ainda pouco conhecida), falada na região do rio Ajarani e circunvizinhança, em terras cortadas pela Perimetral Norte, onde se encontra instalado um Posto de Controle da FUNAI. Esta língua é apresentada com reserva, de vez que a realização de estudos lingüísticos relativos a ela poderá revelar ser uma língua autônoma filiada à família lingüística Yanomami ou uma variante dialetal provável da língua Yanomami ou Yanomam.

Conforme foi relatado, os índios Yanoama ocupam um extenso território, que abrange áreas florestais do norte do Brasil e do sul da Venezuela. Estando isolados — exceto os poucos grupos locais que nos últimos anos vêm recebendo assistência de missões religiosas e/ou da FUNAI, no Brasil —, é desconhecido o total de indígenas distribuídos pelas malocas em território brasileiro e venezuelano. Entretanto, esta população indígena, que os autores indicam habitar em sua maioria no território venezuelano, é estimada por Taylor (1975: 4, *op. cit.*) em um total entre 12 a 15 mil indivíduos, dos quais, segundo cálculos hipotéticos de funcionários da Fundação Nacional do Índio, em Boa Vista, e do lingüista missionário da MEVA, Donald Borgmam, 4 a 6 mil habitam em território brasileiro.

Todos os grupos locais Yanoama têm auto denominações particulares. A seguir, são especificadas as denominações adotadas por alguns grupos locais, suas localizações, e populações de parte deles, de conformidade com informações registradas ao longo do desenvolvimento da pesquisa de campo (6).

a) Grupos locais Yanomami ou Yanomam:

<i>Autodenominação</i>	<i>Nº de malocas(m) Nº de pessoas(p)</i>	<i>Localização</i>
Uakatautêri	61 p	corredeira do Cajubim, no rio Catrimani; missão Catrimani
Opiktêri	69 p	serra do Irmão Carlos, a 7 km do rio Catrimani e 4 km da rodovia Perimetral Norte, altura do km 133
Uaiautêri	33 p	igarapé afluente do rio Catrimani, próximo à serra de Tabatinga
Makutacipitêri	40 p	margem do rio Jundiá, afluente do Catrimani
Manihipitêri	34 p	margem de um igarapé afluente do rio Jundiá (7)
Rayomutêri	30 p	rio Lobo d'Almada
Naitaúxutêri	?	cabeceira do rio Catrimani
Uxiutêri	?	cabeceira do rio Catrimani
Maraxutêri	?	cabeceira do rio Catrimani
Bocaláhudumutêri	5 m	montanhas do Surucucu
Huaam(e) têri	2 m	no Surucucu
Moxaf(i) têri	3 m	no Surucucu
Aikantêri ou Fernantêri	2 m	no Surucucu, próximo à missão evangélica da MEVA
Xideatêri	1 m	no Surucucu
Botom(i) têri	4 m	no Surucucu
Manhebautêri	5 m	no Surucucu
Dabaxinahinobatêri	5 m	no Surucucu

Diversas malocas do rio Catrimani e seus afluentes são referidas como sendo Wayká. Uma delas é o grupo local Uaiautêri, acima registrado. No Surucucu, vários grupos Yanoama são conhecidos como Wayká. Se se

pergunta a esses índios se são Wayká, dizem que não, que Wayká são outros índios, também Yanoama, que estão muito distantes, na mata, já que essa expressão serve para referir a “índio brabo, perigoso” (8).

Na foz do rio Apiaú, baixo rio Catrimani, segundo os informantes, encontra-se um grupo local Yanoama conhecido pela denominação Arapisi.

b) Os Sanumá, do alto rio Auaris, têm uma população de 500 índios.

c) Os Ninam (ou Xirixána, como são denominados por outros grupos tribais da região) têm 3 malocas no médio rio Mucajáí, mantendo uma população de 200 pessoas.

d) Alguns grupos da região do rio Ajarani foram dispersados, suas aldeias extintas, muitos índios morreram. São Yauari os remanescentes que perambulam às margens da Perimetral Norte. Registramos referências à existência de uma aldeia chamada Castanheiras, que ficaria a uma hora de viagem a pé até o Posto Indígena Ajarani, este localizado no cruzamento da rodovia Perimetral Norte com o rio Ajarani. É possível que aquela aldeia seja a mesma referida por outros informantes, que dizem localizar-se na mata próxima do km 30 da Perimetral Norte (9).

Registramos indícios da existência de um linguajar, que seria dominado principalmente pelos chefes tribais, empregado por estes nos cerimoniais de encontro entre os líderes de diferentes grupos Yanoama. Seu uso pelos chefes, em tom ao mesmo tempo discursivo e cantado, assume uma conotação heróica e teria função instrumental viabilizadora nos contatos entre chefes grupais (10).

Os índios Yanoama porém não empregam um nome único que denomine e identifique a totalidade do grupo. Adotamos a denominação “Yanoama”, empregada anteriormente por Kenneth I. Taylor (1975, *op. cit.*), pesquisador com larga experiência junto a esse grupo tribal, por uma necessidade didática e de sistematização para a abordagem antropológica. Nessa linha de orientação, a palavra Yanoama denominaria a totalidade do grupo tribal que habita as florestas do centro e noroeste do Território de Roraima, na área vizinha do norte do Estado do Amazonas e, do outro lado da fronteira, no sul da Venezuela, que possui padrões culturais comuns e se distribui em numerosos grupos locais conhecidos por diferentes denominações. Suas línguas filiar-se-iam a uma família linguística comum Yanomani (cf. Migliazza, *op. cit.*), ou Yanomam (cf. Ramos, *op. cit.*), ou Yanomamö (cf. Diniz, *op. cit.*).

Segundo Problema

Os índios Yanoama, face ao próprio isolamento em que vivem em relação à sociedade nacional, estão voltados para formas tribais de econo-

mia. Assim, não penetraram na economia de mercado, exceto indiretamente, através da comercialização da produção artística de alguns grupos locais, por missionários. Conforme Taylor (1975: 4, *Op. cit.*). “os Yanoama do Brasil e sul da Venezuela (também conhecidos na literatura antropológica como Waiká, Xiriana, Shirishana, Guaharibo, Shamatari, etc.) são possivelmente o grupo mais numeroso de índios ainda isolados existentes na América do Sul.

Os Yanoama são horticultores, plantando em suas roças especialmente bananas e mandioca, como também algumas espécies de batatas, taioba, e, em menor escala, cana e algodão. Com arco e flechas, e com o auxílio de cães, eles caçam todo tipo de animais da região, pescam com timbó, e coletam vários produtos (vegetais) da floresta”.

Os grupos locais mantêm-se internamente solidários em torno dos chefes indígenas. O xamanismo é uma instituição de extrema importância nessa sociedade tribal.

O sistema de parentesco dos Yanoama tem uma estrutura terminológica do tipo Iroquês e a descendência é patrilineal (11).

Justamente nesta população indígena predominantemente isolada, foram comprovados casos de oncocercose, no rio Tototobi (Estado do Amazonas), no alto Rio Catrimani, no Surucucu e no Rio Auaris, neste último também infestando índios Mayongong. A doença não foi constatada na área da Missão Catrimani e no médio Rio Mucajaí; a população desta última área não está doente, mas recebe visitas de índios portadores da moléstia, provenientes de zonas de ocorrência, fato que a deixa sob risco de contaminação (12).

Agravando a problemática dos Yanoama, ainda recentemente, com com a construção da rodovia BR-210 — a Perimetral Norte —, algumas de suas aldeias se desorganizaram e cerca de metade de suas populações morreu assolada por gripes, sarampo, tuberculose, doenças do aparelho digestivo, doenças venéreas, dermatoses; índias foram prostituídas, e hoje restam alguns remanescentes, que perambulam pelas margens da estrada, em degradação, psicológica e socialmente alienados. O processo de extinção, portanto, continua e prosseguirá se não forem postas em prática, de imediato, medidas enérgicas de salvamento da população Yanoama (13).

Ainda permanecendo na maioria de seus aldeamentos em acentuado estágio de pureza cultural, os Yanoama têm seu território presentemente cortado por uma rodovia pioneira (a Perimetral Norte), à margem da qual alguns indígenas desse grupo têm sido engajados como mão-de obra secundária, em serrarias existentes no trecho anterior ao Rio Repartimento no sentido de quem penetra no território indígena. Na área do Surucucu,

eles se defrontam com a frente econômica mineradora (14), com cujos garimpeiros têm entrado em conflito.

A garimpagem de cassiterita do Surucucu foi paralizada logo após a ocorrência de sério conflito entre índios e garimpeiros, com feridos graves em ambos os lados. Pelas informações obtidas, porém soube-se que a garimpagem, em breve seria substituída pela exploração empresarial da cassiterita por empresas nacionais e norte-americanas consorciadas.

Os Yanoama do Mucajaí têm mantido contato com os moradores brasileiros do baixo rio, ou descendo o Mucajaí até atingir as populações neobrasileiras, ou elementos destas subindo o rio até às malocas. Os Xirixana já têm mesmo sido utilizados como mão-de-obra pelos regionais em trabalhos de roças. Têm trocado canoas de sua fabricação por diversos objetos dos "civilizados", como, p. ex., roupas e munição. Embora esses índios já conheçam o valor do dinheiro, a remuneração de seu trabalho nas roças se processa mediante a doação de simples bens manufaturados de origem "civilizada".

Missionários protestantes norte-americanos da MEVA (Missão Evangélica da Amazônia) realizam um trabalho catequético e assistencial voltado para alguns grupos Yanoama, a saber: no rio Mucajaí, junto aos Xirixana; no Surucucu, junto a grupos locais, conhecidos como Wayká, e no rio Auaris, junto aos Sanumá sendo também atingidos pela ação missionária, nesta última área, os índios Mayongong.

A missão Catrimani, dos religiosos católicos da Ordem da Consolata, procede a um trabalho exemplar de assistência medicamentosa e social aos Yanoama do rio Catrimani, oferecendo um modelo de atuação missionária, no qual o princípio ético básico é o respeito à pessoa humana do índio em sua integridade psico-social e cultural.

No ponto em que a rodovia Perimetral Norte transpõe o rio Ajarani, o Posto Indígena da FUNAI vem exercendo uma função de fiscalização sobre as pessoas que transitam pela rodovia, penetrando no território Yanoama, bem como presta assistência medicamentosa a índios doentes, que ali demandam. Quando de nossa visita, encontravam-se hospedados no Posto uma mulher e 3 crianças Yanoama. A mulher e dois de seus filhos com menos de dez anos de idade estavam tuberculosos. Estes índios, como a jovem índia que encontramos na "casa do índio", em Boa Vista, e que havia sido prostituta em Caracará, são vítimas das novas relações sociais a que foram levados a participar os Yanoama dessa área, em consequência da construção de uma rodovia através de seu território e dos contatos emergentes com a sociedade dominante a que ficaram expostos.

Objetivando o salvamento biológico e sócio-cultural dos Yanoama, impõe-se a criação de uma reserva indígena, que abranja a totalidade do

território ocupado por esse grupo tribal no Brasil, única forma de propiciar-lhes proteção contra os avanços e ambições dos que aspiram à dominação sobre as terras indígenas e às riquezas do solo e do subsolo nelas existentes.

NOTAS

- (1) — Taylor, K. *Projeto Yanoama*. Universidade de Brasília, 1975.
- (2) — Migliazza, E. “Grupos lingüísticos do Território Federal de Roraima”. *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*, vol. 2 (Antropologia), 1967.
- (3) — Diniz, E. “Aspectos das relações sociais entre os Yanomamö do Rio Catrimani”. *Bol. do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Antropologia nº 39, Belém, 1969.
- (4) — Ramos, D. *Manual para Treinamento na Língua Yanoman*. Universidade de Brasília, 1975.
- (5) — Migliazza, E. *Território de Roraima e Alto Orinoco — População Indígena*. Colaboração do Governo do Território Federal de Roraima, 1970.
- (6) — No território dos Yanoama, foram visitados o P.I. de Controle Ajaraní, da FUNAI, remanescentes de aldeias desorganizadas, ao longo da Perimentral Norte, parte do grupo local Opiktêri, em viagem pela rodovia, a missão católica Catrimani e a aldeia, localizada na sua vizinhança, Uakatautêri, tendo, neste último local, se registrado a visita de nove elementos da aldeia Manihipitêri, encontrando-se entre os visitantes o chefe do grupo.
- (7) — O cerimonial de recepção dos visitantes Manihipitêri pelos hospedeiros Uakatautêri, ao qual presenciamos, transcorreu ao longo de uma noite inteira, com discursos cantados e gestos heróicos. O grupo visitante procurava confirmar e estreitar alianças entre os dois grupos.
- (8) — Guerras intergrupais em que são contendores grupos locais Yanoama são episódios que integram a vida social desses grupos. Grupos locais amigos fazem alianças contra outros grupos locais inimigos.
- (9) — O irmão Carlos, da missão Catrimani, o missionário Donald Borgman, da MEVA, e o sertanista Francisco Bezerra, da FUNAI, forneceram ao pesquisador importantes dados quantitativos bem como sobre denominações.
- (10) — O sertanista Francisco Bezerra, com 15 anos de convívio com grupos Yanoama, e que domina a língua Yanomami, diz existir essa “língua geral”. Durante a pesquisa, gravamos em fita diálogos formais entre chefes de diferentes grupos locais.
- (11) — Cf. Diniz, *op. cit.*, 1969.
- (12) — A oncocercose é uma filária da espécie *oncocercavólulus*, que conduz à degeneração do tecido elástico, hérnia, opacificação lateral da vista. Os agentes transmissores são simulídeos (pium) da floresta.
- (13) — O Gal. Ismarth de Araújo Oliveira, Presidente da FUNAI, em maio de 1978, informou pessoalmente ao autor que havia acabado de tomar as medidas administrativas objetivando a institucionalização do território indígena dos Yanoama.
- (14) — Através da Portaria nº 0422, de 03/09/1976, do Ministério do Interior, e do Decreto s/nº, de 03/09/1976, do Governador do Território Federal de Roraima, foi determinada a paralização da garimpagem na área indígena Yanoama do Surucucu, bem como a evacuação da referida região.

BIBLIOGRAFIA

- DINIZ, E. “Aspectos das Relações Sociais entre os Yanomamö do Rio Catrimani”. *Bol. do Museu Paraense “Emílio Goeldi”*. Antropologia nº 39, Belém, 1969.

MIGLIAZZA, E. "Grupos linguísticos do Território Federal de Roraima" *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*, Vol. 2 (Antropologia), 1967.

— Território de Roraima e Alto Orinoco — População Indígena. Colaboração do governo do Território Federal de Roraima, 1970.

RAMOS, D. Manual para Treinamento na Língua Yanomam. Univ. de Brasília, 1975.

TAYLOR, K. *Projeto Yanoama*. Univ. de Brasília, 1975.

— Projeto Yanoama — Fase de Emergência (1975) — Projeto Perimetral-Yanomami. DGPC-FUNAI, 1975.